

À Clara e aos Pássaros de Ferro

Eu te invento, ó realidade!

— Clarice Lispector

O Mosteiro de Santa Clara não cabe numa fotografia. Essa tarefa pertence ao domínio das estrelas que amarram o tempo nas suas constelações e nos ajudam a enfrentar a vastidão do mundo. Esta pequena coleção tropeça na falha da fotografia e traz à tona uma constelação de imagens que mesclam memórias e arquivos, tal qual apontamentos sobre a origem do Mosteiro.

«CLARA» é um micro-conto sobre as narrativas de Vila do Conde e resulta da combinação de imagens do Arquivo Municipal de Vila do Conde e do fotógrafo Adriano, do qual absorvi os seus modos de ver, embaralhei com imagens, tradições, cultos e memórias. Numa hibridéz expressiva com a pintura, a colagem e a apropriação, a fotografia circula num espaço delicado entre o documento e a ficção. E, essa mistura de confissão e disfarce em tom vernacular mostram uma fisicalidade tão agressiva quanto melancólica.

Na montagem destas imagens – como nas entrelinhas de um texto – pulsa uma ficção fragmentária. Elementos baseados em factos reais, a queda de um P-39 da Força Aérea dos Estados Unidos (1942), o desastre do Wellington (1943), os heróis pescadores, convidam-nos a entrar em histórias de drama e revelações.

Olhamos o Mosteiro tanto quanto somos observados por ele. Nesse jogo dialógico experienciamos o desalinho do campo fotográfico da sua *práxis* tradicional, a nossa própria noção de existência e transcendência.

Ao atentar contra o jogo especular das aparências procuro transgredir códigos, libertar a nossa percepção para uma aventura que visa uma apreensão mais complexa e delirante do mundo.

Esta série torna-se difusamente alegórica, confirmando a afirmação de Walter Benjamin que a «alegoria é único divertimento, de resto muito intenso, a que o melancólico se permite». Tudo o que é fotografado mostra-se então diferente de si mesmo e portanto capaz de evocar outra coisa-coisa íntima que só no mundo pode fazer-se presente. Com este sistema todas as constelações são possíveis numa luta contra o esquecimento, em nome de um espaço-tempo onde a magia da captura da realidade abre-se num encontro entre experiência, memória e contemplação.

Ângela Ferreira























